

EM MENOS DE UM ANO

MALÁRIA MATOU MAIS DE 120 PESSOAS EM MANICA

N. 12/11/94

A malária, uma doença conhecida no país e na África subsahariana como de difícil erradicação, continua a constituir um dos maiores riscos à saúde pública em Manica, com o número de casos a crescer espantosamente de dia para dia. Até Setembro último, a malária atingiu mortalmente 124 pessoas, entre crianças e adultos, dos cerca de 2200 casos notificados e tratados em regime de internamento, no hospital provincial e nos centros e postos de saúde existentes na província.

De acordo com o Dr. Saraiva Simão, Director Provincial de Saúde em Manica, a malária ocupa a primeira posição, no concernente ao número de casos e óbitos que têm vindo a causar, fornecendo dados recordes em relação à tuberculose e outras infecções respiratórias (pneumonias), má-nutrição, a desinteria, entre outras doenças diarreicas, que, por sua vez, foram a causa de um acentuado índice de morbi-mortalidade na província.

A cidade de Chimoio detém o maior número de casos na província, 1331, triplicando assim os verificados no conjunto dos distritos de Manica, Gondola, Sussundenga, Mossurize, Báruè, Guro Tambara e Macossa, que chegam a atingir uma média unitária de 840 casos durante os últimos nove meses deste ano.

Nestas regiões, segundo reconheceu a nossa fonte de informação, existem condições

propícias para a propagação da doença, pois a sua situação demográfica, a configuração geográfica, o clima e o deficiente processo de saneamento do meio ambiente favorecem a proliferação de mosquitos, os agentes vectores da doença.

Nestes distritos, a guerra confinou milhares de pessoas nas respectivas sedes distritais e na cidade de Chimoio, provocando uma situação de superpovoamento e a consequente poluição do meio ambiente, com a construção desordenada de casas, poços e outros focos de reprodução de mosquitos, o que, aliás, acarreta graves problemas ecológicos.

A existência de lagoas, buracos, charcos e vastas áreas pantanosas, associada à deficiente e/ou falta de vacinação anti-malária e de pulverização com produtos químicos (insecticidas), constitui uma das razões plausíveis para a prevalência da doença.

Num gráfico comparativo entre este e igual período do ano transacto, o Dr. Simão reconheceu ter havido um crescimento substancial de casos de malária na província, podendo as estatísticas evoluírem em função da presente época chuvosa ser favorável ao desenvolvimento dos mosquitos.

Ainda segundo o Director Provincial de Saúde, a maior taxa de afluência de doentes nas consultas externas e internas e de doentes ambulatoriais e internados, bem como de óbitos verificados, é responsabilizada à malária.

Esta situação obrigou a que as estruturas locais de saúde instituíssem um atendimento especializado, visando controlar as linhas terapêuticas para disciplinar o uso desordenado de anti-maláricos, com incidência para a Cloroquina, Amodiaquina, Fansidar e Quinina, drogas consideradas eficazes no país para o tratamento da malária.

O grupo alvo principal do plasmódio são as crianças de zero aos cinco anos de idade, às quais se atribui o maior número de óbitos registados nos últimos nove meses nas várias unidades hospitalares da província, comparativamente aos adultos, que resistem aos efeitos fatais da enfermidade.

Para minorar o número de casos de malária, dado o período chuvoso em que nos encontramos ser propício para a reprodução do "anófeles" (mosquito fêmea causador da doença) está em preparação um programa de pulverização, devendo arrancar dentro em breve algumas zonas da província. A fonte não adiantou quando e em que locais, mas sabemos que a maior parte dos distritos da província apresentam fortes indicações de predomínio de mosquitos, exigindo-se a sua eliminação.

Numa recente entrevista com o Director do Hospital Provincial, Zacarias Raimundo, o "Notícias" soube que a malária, apesar de ser doença que mais óbitos provoca em relação ao SIDA, por exemplo, os programas do seu combate estão sendo desfavoravelmente financiados, enquanto as condições habitacionais dos cidadãos não oferecem condições mínimas para que os seus locatários possam resistir ao contágio da doença, além dos altos preços que se praticam na venda das redes mosquiteiras.